INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
Licenciatura em Filosofia

Marcos Alves da Silva Vieira

A MÚSICA COMO ARTE MAGNA E QUIETIVO DOS SOFRIMENTOS DO MUNDO NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Filosofia - TCC
TCC - Filosofia
cod. 5980
C 100
V 41640m

ICSPI Biblioteca
J3.404 28/07/2021

Teresina
2018

MARCOS ALVES DA SILVA VIEIRA

A MÚSICA COMO ARTE MAGNA E QUIETIVO DOS SOFRIMENTOS DO MUNDO NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Orientador (a): Prof. M.ª Elisângela Amaral Soares Osório.

Teresina

2018

Marcos Alves da Silva Vieira

A MÚSICA COMO ARTE MAGNA E QUIETIVO DOS SOFRIMENTOS DO MUNDO NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Licenciatura em Filosofia

DATA DE APROVAÇÃO: _____/ _____/ ____

_____

Prof. M.ª Elisângela Amaral Soares Osório.

_____

Prof. Dr. Luizir de Oliveira

_____

Prof. M. José Luis de Barros Guimarães

IC - SPI Biblioteca

Teresina
2018

às borboletas azuis

AGRADECIMENTOS

Obrigado, meu Senhor, pela graça de Tua luz que iluminou as trevas da mente e do coração, durante todo este percurso. A fé em Tua palavra me deu coragem para chegar até aqui.

Agradeço minha família, especialmente minha avó Maria da Conceição Silva (*in memoriam*) e minha mãe Maria Eunice, pelos valores que me transmitiram, pela força e afeto.

Ao meu afilhado Maycon Costa.

Agradeço aos meus melhores amigos pela presença e incentivo e a todos os que contribuíram de algum modo neste processo.

Sou grato à Província São Francisco das Chagas do Ceará e Piauí, que me acolheu como filho e me proporcionou realizar esta formação acadêmica, me dando oportunidade de atrever-me a encontrar na filosofia um caminho de transformação do mundo: aos mestres de formação e companheiros de caminhada, nossa gratidão!

Minha gratidão ao professor Luizir de Oliveira, que me acompanhou na orientação deste trabalho, sempre dedicado e atento a cada questão aqui apresentada, a professora Elizangela Amaral pelo suporte em cada etapa da pesquisa e ainda ao professor Luan Corrêa da Silva, que muito contribuiu para este trabalho!

Depois do silêncio, o que mais se aproxima de expressar o inexprimível é a música.

Aldous Huxley

VIEIRA, Marcos Alves da Silva. **A música como Arte Magna e objeto de fuga dos sofrimentos do mundo na filosofia de Arthur Schopenhauer.** Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em filosofia. Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí.

RESUMO

Nosso trabalho de pesquisa faz uma leitura da música à luz da filosofia de Arthur Schopenhauer, entendendo-a como arte magna e quietivo dos sofrimentos do mundo. Nos voltamos para sua obra magna, o Mundo como Vontade e representação, trazendo os principais conceitos de sua filosofia, auxiliados por outras pesquisas na área da temática aqui abordada. Para Schopenhauer o mundo é Vontade e representação – duas faces de um mesmo mundo. A Vontade é o substrato do mundo, enquanto o mundo como representação é o mundo fenomênico. Esse mundo apresenta uma estrutura pendular que oscila entre dor e tédio. A música surge como um quietivo que essa estrutura pendular gera. Desse modo, proporemos um grau de hierarquia das artes e como cada manifestação é entendida. Por fim abordaremos a música, fazendo uma relação com a estrutura do mundo representativo, culminando com uma análise da Nona Sinfonia de Beethoven. Essa obra nos permitirá uma analogia com a estrutura do mundo, nos permitindo alcançar como a música nessa filosofia é considerada arte magna e quietivo dos sofrimentos do mundo.

Palavra Chave: Schopenhuaer. Música. Arte.

RÉSUMÉ

Notre travail de recherche fait une lecture de la musique à la lumière de la philosophie d'Arthur Schopenhauer, la comprenant comme un art magna et quietivo des souffrances du monde. Nous revenons à son chef-d'œuvre, Le monde en tant que volonté et représentation, en présentant les principaux concepts de sa philosophie, à l'aide d'autres recherches dans le domaine du sujet traité ici. Pour Schopenhauer, le monde est volonté et représentation - deux faces du même monde. La Volonté est le substrat du monde, tandis que le monde en tant que représentation est le monde phénoménal. Ce monde a une structure pendulaire qui oscille entre douleur et ennui. La musique apparaît comme un quietivo généré par cette structure pendulaire. De cette manière, nous proposerons un degré de hiérarchie des arts et comment chaque manifestation est comprise. Enfin, nous aborderons la musique en établissant une relation avec la structure du monde représentatif, aboutissant à une analyse de la neuvième symphonie de Beethoven. Cette œuvre nous permettra d'analyser cette œuvre musicale avec la structure du monde, ce qui nous permettra de comprendre comment la musique de cette philosophie est considérée comme l'art magna et quietivo des souffrances du monde.

MOT-CLÉ: Schopenhuaer. Musique. Art.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11

2 MUNDO COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO 15

2.3 Graus de objetivação da Vontade 21

3. ARTE: QUIETIVO PARA OS SOFRIMENTOS DO MUNDO 24

3.1 Graus de Objetivação da Arte 27

4 FILOSOFIA DA MÚSICA 30

4.1 Música e seus graus de objetivação 31

4.2 Análise da 9ª Sinfonia de Beethoven à luz da filosofia da música de Arthur Schopenhauer 36

CONCLUSÃO 39

1 INTRODUÇÃO

Arthur Schopenhauer é um filosofo que aos 12 anos de idade se admira do mundo e redige considerações sobre a condição humana. Nascido aos 22 de fevereiro de 1788, em Danzig, Prússia, filho de um magnata, Henri Floris e de uma escritora famosa por receber artistas em sua casa, Johanna Trosiener, Schopenhuaer é enviado a conhecer a Europa a partir de interesses comerciais da família, fato que o impulsiona a trilhar um caminho filosófico. Seu pai morre prematuramente, o que proporciona a Schopenhuaer a oportunidade de viver para a filosofia, pois seu genitor lhe deixa recursos financeiros suficientes. Schopenhauer ingressa numa faculdade de comércio em Hamburgo, todavia abandona o curso e ingressa na Universidade de medicina em Gottingen, Alemanha, deste último ele se transfere para filosofia, em Berlim. Escreve sua tese de doutorado: *A Quádrupla Razão do Princípio de Razão Suficiente*, em 1813. Em 1818 ele escreve sua obra magna *o mundo como Vontade e representação*, que de início não tem tanto impacto, mas que depois recebe seu devido reconhecimento.

Ao ministrar aulas na Universidade de Berlim, não tem tamanho sucesso, suas aulas ficavam vazias, pois no mesmo horário ministrava aulas Hegel. Após esse e outros eventos ele se muda para Frankfurt, lá continua escrevendo, tendo reconhecimento somente no fim de sua vida com o livro *Parerga e Paralipomena*, aforismos escritos que lhe dão um certo conhecimento. Falece aí mesmo aos 21 de setembro de 1860.

Seu pensamento se dá de um modo orgânico, isto é, todas as suas considerações estão relacionadas com sua compreensão de mundo, o mundo como Vontade e representação que será explicado ao longo de nossa proposta. Queremos compreender o pensamento de Arthur Schopenhauer sobre a música à luz de sua filosofia, considerando-a como algo essencial no mundo. Trata-se de uma extensa discussão levada à cabo no Livro III de *O mundo como Vontade e Representação (2005)*. Para Schopenhauer a arte é uma das formas de aquietar o sofrimento do mundo, e a música, em especial, é apresentada como uma arte superior entre as outras, pois enquanto as outras formas de artes oferecem representações das ideias, a música é representação direta da Vontade. Desse modo, em nossa proposta iremos nos deter na reflexão sobre a filosofia da música de Arthur Schopenhauer, pois a música tem uma importância central em sua concepção de mundo. Ela é puramente expressão da Vontade. Uma arte superior essencial para o mundo. Sua filosofia, e de modo especial sua concepção acerca da música

exerceu uma notável influência na música de Richard Wagner, na ideia de música de Nietzsche e na expressão do pensamento que ele carrega da música de seu tempo.

É preciso ressaltar que na busca de compreender sua filosofia da música iremos nos voltar para o entendimento que o filosofo tem de mundo, isto é: a concepção de mundo como Vontade e representação. Vontade é aquilo que Kant chamou de *númeno*, a coisa-em-si. É uma força cega, inconsciente e irracional que "rege" as leis do mundo. O mundo enquanto representação é o mundo fenomênico, aquele que se nos apresenta.

Schopenhauer procura afastar-se das concepções mais estéticas de cunho emotivista, pontos já apontados por Platão, - não é que ele negue um caráter emocional que a música pode causar, porém ele avança na compreensão da música propondo que ela é mais que isso. Afasta-se também do caráter da imitação, ou seja, a música como um modo de imitar e representar as emoções. Ele nos oferece uma reflexão mais ampla, pois a música não só é comparada à sua teoria dos graus de objetivação da ideia, que explicitaremos ao longo do trabalho, mas é uma arte que merece um olhar especial, pois seu "efeito [...] é tão mais poderoso e penetrante do que o das outras artes". (SCHOPENHAUER 2005: p.338-339).

A investigação proposta neste projeto de pesquisa volta-se, assim, para a área da música. Defendemos que Schopenhauer nos ajuda a melhor compreendê-la enquanto arte em si, bem como nos educa para uma melhor contemplação da música. Não é somente um filósofo que trata da temática, mas também um flautista que segundo Safranski, em *Schopenhauer e os Anos Mais Selvagens da Filosofia,* tocava uma hora de flauta todos os dias. Ou seja, é alguém que compreende música, tem propriedade para tratá-la, como também na área da Filosofia, como uma reflexão nova. A música não é somente uma expressão do emocional, constituinte do homem, mas é metafísica, é filosofia, é expressão direta da Vontade. É expressão da essência do mundo.

A partir desses pontos de partida iniciais, a pergunta que orienta nossa investigação é: se a arte é representação da ideia, como conceber a música enquanto arte separada das outras, ou melhor como a música pode ser entendida como uma arte superior às outras? Por que a música se relaciona diretamente com a Vontade e não com a ideia? Como é possível Schopenhauer afirmar que "se o mundo não existisse, ainda assim poderia haver música"? São questionamentos que alcançam respostas à partir da compreensão dos conceitos na perguntas contidos, que abordaremos ao longo de nossa exposição.

Queremos compreender como Schopenhauer concebe a música enquanto arte magna e como ela pode ser objeto de quietivo dos sofrimentos do mundo, desse modo, no primeiro

capítulo deste trabalho iremos nos deter sobre sua concepção filosófica de mundo, isto é, compreender o mundo como Vontade e representação. Apontaremos as bases de sua filosofia, com os conceitos de fenômeno e a coisa em si de Kant e Ideia de Platão, como fora apontado no início desta introdução. No tópico três nos voltaremos para os graus de objetivação[1] da Vontade, visto que segundo Schopenhauer, a Vontade é o substrato do mundo e se objetiva de diversos graus na natureza, como se concebe uma hierarquia da Vontade, como podemos chegar ao conhecimento.

No segundo capítulo apresentaremos como a arte pode ser um quietivo para os sofrimentos do mundo, já que, a vida é um pêndulo que oscila entre dor e tédio. No primeiro tópico trataremos a arte em graus de objetivação, pois assim como a estrutura do mundo, a arte se objetiva em graus diferentes, a arquitetura representando a estrutura mais baixa e a poesia a maior entre as artes que transmitem a ideia.

No capítulo terceiro trabalharemos a filosofia da Música de Schopenhauer, isto é, trataremos como a música pode ser considerada uma arte magna e um quietativo para os sofrimentos do mundo, como ela pode, diferentemente das outras, falar da Vontade e não da Ideia. Propomos ainda uma análise da Nona Sinfonia de Beethoven, visto que é a obra máxima desse compositor e nos permite uma leitura da analogia do mundo proposta pelo filósofo aqui trabalhado.

Teremos como fundamento a obra *O mundo como vontade e como representação*. Nos utilizaremos ainda de outras obras como *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia* de Rüdiger Safranski, *L'ouïe de Schopenhauer:* musique et réalité de Santiago E. Espinosa e a dissertação de Luan Corrêa da Silva *A filosofia da música como filosofia primeira:* o sentido metafísico da música em Schopenhauer. Também nos apoiaremos em artigos científicos que tratam dessa temática a fim de podermos inserir nossa investigação num debate mais amplo dentro da comunidade acadêmica brasileira. Daremos ênfase a uma análise crítico-reflexiva, numa abordagem hermenêutica inspirada pela proposta gadameriana, fazendo uma aproximação dos textos-base e desse modo exercendo um diálogo entre autor e seus intérpretes mais importantes.

Pensamos que a partir da dialética entre texto e interpretante surge o devir do conhecimento humano dentro da história, numa trajetória de construção e reconstrução de preconceitos. Pois segundo Gadamer, o conhecimento é efêmero, mas a interpretação é

[1] Objetidade" é um neologismo de Schopenhauer que não deve ser confundido com "objetividade" ou "objetivação". O primeiro termo refere-se aos diversos graus de objeto entre a vontade e representação, sobretudo, o corpo e as Ideias. Objetividade refere-se à propriedade de ser um objeto (material) (MOREIRA, 2018, p.59)

"eterna". A hermenêutica não é só um resgate do passado pelo presente visando um futuro, mas uma atualização dos modos como captamos a verdade que nos é apresentada.

Ressaltamos nossos passos metodológicos: pesquisa e reunião de obras que trataram da temática, leitura de textos e referências significativas para a elaboração do projeto.

Faremos uma revisão da literatura de modo que possamos expor a temática, fundamentando e construindo a pesquisa para que esta possa contribuir com os problemas levantados e laçar luzes sobre eles.

2 MUNDO COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO

2.1 Kant e Schopenhauer: disparidades e aproximações:

Como já apontado em nossa introdução, a discussão em que nos subterremos se voltará para o pensamento de Arthur Schopenhauer, com sua concepção de mundo. Para tal nos remontaremos ao pensamento de Kant, fazendo aproximações e distanciamentos entre os dois filósofos, como também com o conceito de Ideia de Platão, que é caro para Schopenhauer. Além dessas explanações trataremos da teoria dos graus de objetivação da Vontade, partindo da compreensão de um mundo que é Vontade e representação. São duas faces de uma mesma moeda.

É interessante notar que a produção filosófica dos séculos XVII e XVIII é marcada pela busca de estabelecer uma base para se chegar ao conhecimento. Em meio às teorias que de um lado apresentaram o racionalismo como resposta focando na razão, pregando a existência de ideias inatas no homem, por outro lado os empiristas, afirmaram ser a experiência a fonte de todo conhecimento. Surge nesse meio Kant, fazendo uma defesa e crítica das duas teorias, chamando as ideias inatas de conhecimento *a priori,* afirmando que elas existem, porém necessitam da experiência. O conhecimento começa com impressões sensoriais, mas, porém, existem princípios que existem antes mesmo da experiência.

> Que todo o nosso conhecimento começa com a experiência, não há dúvida alguma, pois, do contrário, por meio do que a faculdade de conhecimento deveria ser despertada para o exercício senão através de objetos que tocam nossos sentidos e em parte produzem por si próprios representações, em parte põem em movimento a atividade do nosso entendimento para compará-las, conectá-las ou separá-las e, desse modo, assimilar a matéria bruta das impressões sensíveis a um conhecimento dos objetos que se chama experiência? Segundo o tempo, portanto, nenhum conhecimento em nós precede a experiência, e todo ele começa com ela. (KANT, 1987, p. 1.).

Kant percebe que as experiências são possíveis somente nas formas puras da sensibilidade, isto é, as formas puras dos sentidos, que não pode ser empírico, pois é "uma representação necessária e subjacente a todas as intuições". (NIQUET, p. 56). Para Kant o conhecimento humano inicia na experiência, todavia nem todo dela deriva, pois o que torna possível o começo não é empírico. (SILVEIRA, 2002)

> [...] poderia bem acontecer que mesmo o nosso conhecimento de experiência seja um composto daquilo que recebemos por impressões e daquilo que a nossa própria faculdade de conhecimento (apenas provocada por impressões

> sensíveis) fornece de si mesma, cujo aditamento não distinguimos daquela matéria-prima antes que um longo exercício nos tenha tornado atentos a ele e nos tenha tornado aptos à sua abstração. (KANT, 1987, p. 1.).

Segundo ele, não podemos conhecer o mundo como ele realmente é, pois quando conhecemos os objetos são por meio das formas dos sentidos, espaço e tempo. Isto é, conhecemos apenas o que é apresentado ao sujeito, recebidos por impressões, ou seja, o fenômeno; não temos o conhecimento da coisa em si. "O que as coisas em si possam ser - afirma Kant - não o sei, nem necessito sabê-lo, porque uma coisa jamais pode aparecer-me de outro modo a não ser no fenômeno". (KANT, 1987, p. 332)

O conhecimento parte da intuição e é possível por que o homem possui sensibilidade e entendimento; na primeira condição, os objetos se apresentam à intuição e na segunda eles são pensados em conceitos e serão chamados de categorias: quantidade (unidade, pluralidade e totalidade), qualidade (realidade, negação e limitação), relação (substância, causalidade e comunidade), modalidade (possibilidade, existência e necessidade). Os fenômenos só podem ser pensados dentro dessas categorias, nada fora do tempo e do espaço. O conhecimento depende do modo como o sujeito intui e da relação dele com o objeto. Entretanto, o sujeito não pode chegar à coisa, somente aquilo que lhe aparece, isto é, o fenômeno. Nesse sentido o sujeito pode captar apenas o fenômeno do objeto, por meio da sensibilidade, intuído no espaço e tempo.

As teorias de Kant foram tão importantes para a filosofia que deram origem a linhas de pensamento fundadas a partir de sua crítica. Percebemos entre Kant e Arthur Schopenhauer, aproximações. Schopenhauer afirma ser o maior mérito de Kant, a distinção entre fenômeno e coisa em si. Ele afirma que sua obra em alguns pontos concorda com a filosofia de Kant e em outros contradiz:

> manifestamente, minha linda de pensamento, por mais diferente que seja no seu conteúdo da Kantiana, fica inteiramente sob a influência dela, a pressupõe necessariamente, parte dela, e confesso que o melhor do meu próprio desenvolvimento se deve à impressão das obras de Kant, ao lado da impressão do mundo intuitivo, dos escritos sagrados dos hindus e à impressão de Platão. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 525)

Arthur Schopenhauer (1788 a 1860) escreveu sua principal obra *O mundo como Vontade e representação,* dividindo o mundo em duas faces: o mundo como Vontade e o mundo como representação, tomando por base os conceitos de Kant e Ideia de Platão. Schopenhauer modifica o fenômeno de Kant e o chama de representação e a coisa em si denomina Vontade. Para ele,

porém, diferentemente de Kant, que acreditava que se poderia conhecer apenas o que se aparecia, o fenômeno, para Schopenhauer, a coisa em si é passível de um certo conhecimento.

Essa Vontade se objetiva em diferentes graus na natureza, a compreensão da objetivação da Vontade se relaciona com a ideia de Platão, pois ela é apresentada como objetividade da Vontade. Schopenhauer postula: "A ideia é a Vontade assim que esta se tornou objeto, contudo, ainda não entrou no espaço no tempo e na causalidade. Espaço e tempo não concernem à Ideia, tampouco a Vontade" (SCHOPENHAUER, 2001, p. 34)

MAIRINQUE (2003, p. 8-9) ao tratar das teorias dos mundo de Platão, propõe que a ideia não representa um simples conceito ou mera representação mental, pois ela representa uma causa de natureza não-física, uma realidade inteligível, em outras palavras representa aquilo que o pensamento mostra quando está livre do sensível, o verdadeiro ser. A ideia é um modelo permanente de cada coisa, isto é como cada coisa deve ser. A ideia não pode ser mais do que aquilo que é, pois possui sempre a mesma forma, pura, imóvel e impossível de se tornar outra coisa. Para Platão, acontece uma dualidade de mundos: mundo inteligível, o mundo das ideias e o mundo sensível, o mundo das representações.

Muito embora as descobertas de Kant tenham trazidos ricas consequências, é preciso perceber que, Segundo Schopenhauer, a mesma verdade foi proposta por Platão, por outro caminho. Este mundo que aparece aos sentidos não possui um verdadeiro ser, é devir. Na República Platão diz que os homens acorrentados numa caverna escura, não viam nem luz autentica, nem as coisas reais, apenas a luz débil do fogo na caverna e as sombras. A mesma verdade, segundo Schopenhauer, é reapresentada na doutrina dos vedas e puranas com a obra do véu de Maia - o que se entende é apenas aquilo que Kant chama de fenômeno. Segundo Schopenhauer Kant não só apresentou essa mesma doutrina de modo novo, mas fez dela uma verdade demonstrada e incontestável. Platão e os indianos, porém, fundamentaram suas afirmações sobre uma intuição geral do mundo, expondo mais mítica e poeticamente que filosófica e distintamente. (SCHOPENHAUER, 2005, p 528)

Segundo Schopenhauer, embora Kant tenha mostrado que o mundo fenomênico é condicionado tanto pelo sujeito quanto pelo objeto, não chegou ao conhecimento de que o fenômeno é o mundo como representação e a coisa em si a Vontade; não deduziu a coisa em si de modo correto, todavia deu um passo em direção a este conhecimento,

> [...] na medida em que expôs a inegável significação moral da ação humana como completamente diferente, e não dependente, das leis do fenômeno, nem explanável segundo este, mas como algo que toca imediatamente a coisa em si. (SCHOPENHAUER, 2005, p 531)

Segundo Schopenhauer, Kant apartou do fenômeno e de suas leis o grande significado ético das ações, mostrando este significado ético como concernente imediatamente à coisa em si, enquanto o fenômeno, tempo, espaço e tudo o que os preenche, e neles se ordena segundo a lei da causalidade, devem ser vistos como um sonho inconsistente e inessencial. (SCHOPENHAUER, 2005, p 535) Kant merece, nas palavras de Schopenhauer reconhecimento, pois o que se propunha antes era uma ética segundo as leis do fenômeno. Uma ética fundada sobre a felicidade ou sobre a vontade do criador do mundo, isto é corresponder a um conceito pressuposto e dado.

2.2 Vontade e representação: duas faces de um mesmo mundo

Como apresentamos anteriormente, para Schopenhauer, Kant não deduziu de modo correto a coisa em si. Ele não reconheceu nela diretamente a Vontade, entretanto deu um passo em direção ao conhecimento dela, separando o mundo fenomênico e a Vontade. Postulando que o mundo fenomênico é condicionado tanto pelo sujeito quanto pelo objeto. Segundo Schopenhauer a Vontade é o substrato do mundo, ela "é um cego robusto que carrega um aleijado que enxerga". (SCHOPENHAUER, 2012 apud CHINDA, 2007), isto é, a consciência é o aleijado que é guiado por uma vontade irracional, que é o cego. O conhecimento dessa Vontade, porém não se dá por um pensar racional ou dialético, tampouco por uma intuição intelectual. Dá-se por meio do corpo, que é um elemento importante para se compreender a Vontade "em si". Ele percebe no corpo humano a Vontade, pois nos movimentos dos corpos a Vontade se manifesta sem conhecimento algum. "A ação do corpo nada mais é senão o ato da vontade objetivado, isto é, que apareceu na intuição". (SCHOPENHAUER, 2005. P 157) O corpo e suas manifestações são expressão do querer viver. "A vontade é o conhecimento a priori do corpo, e o corpo é o conhecimento a posteriori da vontade". (SCHOPENHAUER, 2005, p 157)

Na concepção de Schopenhauer, o conhecimento do corpo se dá por um aspecto duplo. Pois ou ele acontece mediante representação, ou seja, o corpo é um objeto como outro qualquer, subordinado ao princípio de razão, estando submetido às formas de representação ou acontece sem a mediação do entendimento, isto é, como vontade. O corpo permite conhecer sem a aplicação do principio de razão, indo além das formas de representação. A vontade se dá para o sujeito somente na identidade. É uma unidade que conhece e é conhecida – individuo, eu. O

IFCH-UFPI Biblioteca
13.404 28/07/2021

indivíduo é o lugar privilegiado de contato entre o elemento essencial do mundo e o secundário. (SORIA, 2018, p. 66-67)

> Na consciência de si, o sujeito se torna conhecido para si mesmo; ele tem assim de estar dividido em uma parte que conhece e outra que é conhecida. A primeira, Schopenhauer denomina sujeito do conhecimento; a segunda, sujeito do querer. O sujeito do conhecimento, como a parte que conhece, é desconhecido para si mesmo, pois se se tornasse coisa conhecida, deixaria de ser sujeito que conhece. A autoconsciência é definida pelo filósofo como um conhecimento relativo: nele, o que é conhecido é o querer, manifesto no corpo em ação, isto é, em seus apetites e impulsos que são dados como bem-estar e mal-estar, ou ainda, prazer e desprazer (o primeiro como satisfação da vontade, o segundo como impedimento para sua satisfação). Esses apetites e impulsos dão ao sujeito do conhecimento a ocasião de conhecer o sujeito do querer como um ímpeto sem consciência, enraizado no corpo. O eu é o ponto de contato e indiferenciação entre ambos os lados do sujeito, mediante o qual o sujeito se conhece como um impulso que quer cegamente, sem finalidade. Essa identidade é definida por Schopenhauer como um mistério, pois encontra nessa coincidência entre sujeito do querer e do conhecer o limite da própria consciência. (SORIA, 2018, p. 68)

O sujeito é indivíduo que conhece somente em referência a um corpo, fora dessa referência ele seria apenas uma representação como qualquer outra. Ele é o único objeto que é ao mesmo tempo vontade e representação, pois os outros são meras representações, *fantasmas*. (SCHOPENHAUER, 2005, p 161) É somente no corpo que ele encontra uma união entre conhecedor e conhecido. Os outros objetos, são fantasmas porque são apenas representações. Eles são destituídos da capacidade de conhecer.

Schopenhauer compreende ainda que "as partes do corpo têm de corresponder perfeitamente às principais solicitações pelas quais a Vontade se manifesta, tem de ser a sua expressão visível". (SCHOPENHAUER, 2005, p 167) Os dentes, esôfago e canal intestinal, por exemplo, são a fome objetivada; os genitais são o impulso sexual objetivado, ele não obedece ao princípio de razão é um dos motivos que o leva a buscar no corpo a resposta para o enigma do mundo. Na metafísica do amor, ele afirma que por meio da atração o ser humano, pensando estar obedecendo aos seus desejos, faz com que a vida continue existindo. Percebe-se, desse modo que o corpo é uma representação que o sujeito experimenta como representação e Vontade, quando se percebe um sujeito do querer. O conhecimento acontece quando se parte do interior, compreendendo-se enquanto objetivação do querer.

Vale ressaltar que para Schopenhauer há dois modos de conhecimento: intuitivo e abstrato e que a verdade só pode ser alcançada via conhecimento intuitivo, todavia esse conhecimento deve ultrapassar a individuação. No conhecimento intuitivo, o indivíduo pode

descobrir a essência do mundo, encontrando as verdades filosóficas. Porém, não pode por intermédio desse conhecimento comunicar tal descoberta. A tarefa da filosofia aparece como a de traduzir o conhecimento abstrato alcançado via conhecimento intuitivo, submetendo-as à reflexão. Na concepção de Schopenhauer há uma diferença entre metafísica e filosofia, pois ele considera a metafisica como a construção de um conhecimento que ultrapassa a experiencia.

A outra face do mundo na filosofia de Arthur Schopenhauer é o mundo como representação, ele postula:

> O mundo como representação, único aspecto no qual agora o consideramos, possui duas metades essenciais, necessárias e inseparáveis. Uma é objeto, cuja forma é espaço e tempo, e mediante estes, pluralidade. A outra, entretanto, o sujeito, não se encontra no espaço nem no tempo, pois está inteiro e indiviso, como o objeto, complementa o mundo como representação tão integralmente quanto um milhão deles. Contudo, caso aquele único ser desaparecesse, então o mundo como representação não mais existiria. Tais metades são, em consequência, inseparáveis, mesmo para o pensamento: cada uma delas possui significação e existência apenas por e para a outra; cada uma existe com a outra e desaparece com ela.
> (SCHOPENHAUER, 2005, p. 46)

Percebe-se aí que para Schopenhauer - há uma aproximação de Kant -, o mundo é uma representação percebida pelo sujeito. Não pode existir objeto sem sujeito, quanto sujeito sem objeto: estão em relação. O sujeito é na concepção dos dois filósofos o substrato do mundo, o objeto pode afetar o sujeito para que haja conhecimento, entretanto enquanto para Kant o sujeito é o fundamento da realidade, para Schopenhauer é o sustentáculo do mundo.

Kant propõe que o conhecimento é condicionado pelas formas puras da sensibilidade, espaço e tempo e categorias e princípios do entendimento, Schopenhauer por outro lado, dá uma importância ao princípio de razão suficiente, afirmando ser ele o fundamento de todas as ciências. "No momento temos necessidade de anunciá-lo por meio de uma fórmula. Prefiro empregar a Wolfiana, como a mais difundida: *nihil est sine ratione cur potius sit, quam non sit*. Nada existe sem uma razão de ser". (SCHOPENHAUER, p 8)

Ele aponta que o conhecimento racional puro e perfeito só há o dos quatro princípios que ele atribui verdade metalógica: princípios de identidade, contradição, terceiro excluído e de razão suficiente do conhecer. Somente o conhecimento abstrato é um saber, pois é condicionado pela razão. Embora os animais possuam conhecimento intuitivo, não se pode afirmar que eles sabem algo. Saber é a consciência abstrata, o ter-fixo em conceitos racionais que foi conhecido geralmente de outra maneira. (SCHOPENHAUER, 2005, p 99-100)

Schopenhauer se distancia de Kant ainda na compreensão da verdade, pois para ele não se parte nem do sujeito, nem do objeto. Entra aí a sua crítica tanto ao materialismo, quanto ao subjetivismo. Segundo ele, o materialismo quer explicar tudo através da matéria e causalidade, porém há propriedades, forças que não podem por ela ser explicadas; é o que ele chama de *qualitates occultae* (SCHOPENHAUER, 2005, p. 192). Há forças que estão em toda matéria como gravidade, impenetrabilidade e as forças específicas como rigidez, fluidez e eletricidade. Segundo Schopenhauer, os materialistas conseguem explicar apenas o fenômeno, não conseguem avançar mais que isso.

Por outro lado, faz uma crítica ao idealismo representado por Fichte, que colocou o sujeito como ponto de partida, deduzindo dele o objeto.

Schopenhauer decide partir da representação, uma vez que ela é o primeiro fato da consciência, apresentando a ideia de que muito embora onde se começa o objeto termine o sujeito e vice-versa, ambos não podem ser pensados um sem o outro.

> De ambos esses erros opostos diferencia-se o nosso procedimento *totogen*ere [...] partimos da representação como primeiro fato da consciência, cuja forma primeira fundamental, mais essencial, é a divisão em sujeito e objeto, a forma do objeto sendo o princípio de razão... O tempo é nada senão o fundamento de existência nele, isto é, a sucessão; o espaço nada mais é senão o princípio de razão nele, portanto situação; a matéria nada mais é senão causalidade; o conceito nada mais é senão referência ao fundamento de conhecimento. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 80)

Schopenhauer conclui afirmando que, diante disso, a essência do mundo obviamente está para além da representação. Ele quer investigar além das representações, se nelas se pode encontrar indicações de algo que vá além delas mesmas. E propõe que se observe o próprio corpo humano que constitui uma objetivação, isto é uma representação também. Quando o sujeito do conhecimento volta-se para si mesmo, consegue perceber-se como um sujeito que quer. Isto é, quando o sujeito observa a si mesmo, vê-se como um objeto submetido as categorias de tempo, espaço e causalidade, reconhecendo-se como um ser movido pelo querer, ou seja, Vontade.

Postula-se desse modo, que a filosofia de Schopenhauer a partir de Kant se desdobra com os conceitos de Vontade e representação e com a ideia de Platão. Como apontamos anteriormente, o mundo é Vontade e representação. Essa Vontade se objetiva de modos diferentes na natureza; É o que iremos refletir no próximo tópico.

2.3 Graus de objetivação da Vontade

A teoria dos graus de objetivação da Vontade, propõem que a raiz do mundo, a coisa em si, a Vontade se manifesta em diversos graus. Esses graus de objetivação da Vontade são expressos em diferentes graus, em inúmeros indivíduos e existem em protótipos inalcançáveis, afirma Schopenhauer. (SCHOPENHAUER, 2005, p 191) Eles são outra coisa senão a Ideia de Platão. Ela deve ser entendida na sua significação autentica e originária estabelecida por Platão, as coisas são protótipos da Ideia e a ela se assemelha.

O primeiro e menor grau de manifestação da Vontade encontramos nas leis naturais como a gravidade, o magnetismo e a eletricidade. Elas são fenômeno imediato da Vontade e não podem ser chamadas de efeito ou causa, mas de condições previas e pressupostas de qualquer efeito ou causa, mediante seu desdobramento. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 192) A Vontade se objetiva no mundo inorgânico como uma Vontade cega e inconsciente. O segundo grau e mais elevado ocorre entre os vegetais, seres já orgânicos. Em um maior grau, está o reino animal e, especialmente o ser humano, no qual a Vontade se manifesta juntamente com o conhecimento abstrato.

Schopenhauer afirma que em toda parte da natureza há conflito, luta e alternância da vitória. Entre os graus há, segundo ele, um combate. Há uma disputa pela posse da matéria, no espaço e no tempo. Os graus vencidos não desaparecem, mas esperam o momento de se manifestar. Essa luta se verifica no mundo inorgânico, passando pelo reino animal e chegando à vida humana. "Assim, a Vontade de vida crava continuamente os dentes na própria carne e em diferentes figuras é seu próprio alimento, até que, por fim, o gênero humano, por dominar todas as espécies, vê a natureza como um instrumento de uso". (SCHOPENHAUER, 2005, p 211)

Os graus são explicação para as diferenças nas representações da Vontade. Essas representações, porém, não atingem a Vontade "em si", mas apenas a sua objetivação. A Vontade como "coisa em si" não conhece a pluralidade, nem a morte. Ela é una e indivisa e se manifesta toda em si mesma em cada fenômeno no mundo. Os graus se manifestam sem mudar a essência da Vontade. Ou seja, constituem-se objetidades[2] adequadas da Vontade. Ele as chama de ideias (no sentido platônico) pois são como que modelos de tudo o que existe.

---

[2] É interessante salientar que no Livro I de *O mundo como Vontade e representação*, Jair Barboza, o tradutor da versão brasileira de que nos utilizamos, oferece-nos uma nota explicando que o termo *Objektität* é um neologismo criado por Schopenhauer que costuma gerar confusão, pois há tradutores que querem verter por "objetividade", termo que, na sua visão, é inadequado, pois perde de vista o caráter da imediatez do ato da vontade, que é anterior ao seu tornar-se fenômeno consciente na intuição do entendimento. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 157).

Schopenhauer sustenta que a essência da Vontade aparece gradualmente na representação com crescente nitidez e completude expondo-se como objeto. Aí ele reconhece as ideias de Platão na medida em que são justamente espécies determinadas, ou formas e propriedades originárias e imutáveis dos corpos orgânicos e inorgânicos, bem como das forças naturais que se manifestam segundo leis da natureza. As ideias se expõem em inúmeros indivíduos e fenômenos particulares, com os quais se relacionam como os modelos se relacionam com suas cópias. A pluralidade deles só pode ser representada no tempo e espaço, e pode ser compreendida pelo princípio de causalidade. Nessas formas reconhecem-se as figuras do princípio de razão suficiente, ou seja, o princípio último de toda explicação de toda finitude, que se revela por meio da individuação, forma universal da representação tal como se dá ao conhecimento do indivíduo. A ideia, de outro modo não se submete ao princípio de razão, não lhe cabe nem pluralidade, nem mudança. O princípio de razão[3] não tem significação alguma para a Ideia. (SCHOPENHAUER, 2005, p 236)

[3] Schopenhauer, afirma que Kant concluiu perfeitamente que tempo, espaço e causalidade não são determinações da coisa em si, e por isso só lhe convém depois e na medida que se tornam representação, eles são reconhecidos para Schopenhauer como formas do princípio de razão, expressão universal das formas fenomênicas. (SCHOPENHAUER, 2005. P 180)

3. ARTE: QUIETIVO PARA OS SOFRIMENTOS DO MUNDO

A arte para Schopenhauer é um modo de quietar os sofrimentos do mundo. Nossa pesquisa, neste capítulo discutirá como ela pode cumprir como esse papel e que sofrimento é esse que Schopenhauer postula que a arte pode servir de quietivo. Apresentaremos ainda como essas artes se mostram num grau de hierarquia.

Para Arthur Schopenhauer o mundo é um pêndulo que oscila entre dor e tédio. (SCHOPENHAUER, 2005, p 402) A dor é o vazio da falta de algo: o homem que satisfizer sua vontade, ao sacia-la, perceberá que existe outra falta, por isso essa oscilação. A essência do mundo, desde os minerais, até o homem, passando pelos vegetais e pelos animais, é essa vontade insaciável; sempre em busca de satisfação constantemente realizar a vontade. Aqui aparece de modo mais evidente, o caráter pessimista de sua filosofia, pois ela afirma que a vida é uma condenação, uma ilusão, a dor é a essência da vida, pois quando olhamos a história humana só vemos narrativas de dor e sofrimento.

> Todo desejo nasce de uma necessidade, de uma privação, de um sofrimento. Satisfazendo-o acalma-se; mas embora se satisfaça um, quantos permanecem insaciados! De mais, o desejo dura muito tempo, as exigências são infinitas, o gozo é curto e avaramente medido. E mesmo esse prazer uma vez obtido é apenas aparente: sucede-lhe outro, o primeiro é uma ilusão dissipada, o segundo uma ilusão que dura ainda. (SCHOPENHAUER 2014, p. 38)

Muito embora a essência da vida seja sofrimento, dor e tédio, Schopenhauer apresenta um quietivo. É o que iremos chamar de tripé schopenhaueriano de quietivo do sofrimento do mundo: a ascese, a compaixão e a arte. Por meio da ascese o homem reconhece que tem vontades, porém renuncia a elas. A compaixão está relacionada ao perceber-se como o outro. As mesmas misérias que eu tenho o outro tem, por isso tenho compaixão dele. E a terceira, a arte. É para ela que nos voltaremos com mais cuidado, pois parece aquela que, de modo menos exigente, pode nos auxiliar a aquietar momentaneamente a vontade, a escapar desse movimento pendular tão inexorável.

No Livro III de *O mundo como vontade e representação,* Schopenhauer trata do modo como as Ideias são representas pelas artes e podem ser o conhecimento puro. A Vontade se torna objeto representado diante do sujeito. É possível aí conhecer a Vontade enquanto objeto. As ideias platônicas não são apenas graus bem específicos de objetidades da Vontade, mas são propriamente objetidade imediata da Vontade em grau determinado, e nos são tornadas acessíveis quando materializadas pelo artista em sua obra.

A arte é a própria exposição de Ideias, ela é a forma mais elevada de conhecimento, uma vez que repete as Ideias eternas, representações da essência do mundo. Schopenhauer afirma que ao contemplar uma obra de arte, o sujeito é elevado a um grau de conhecimento da Vontade. Reconhece a essência das coisas. A arte comunica as Ideias, por isso é independente do princípio de razão, o modo de conhecimento fenomênico.

> Pela contemplação estética é que se torna possível o conhecimento de ideias, tais como descritas por Platão, das quais as coisas da efetividade no mundo fenomênico, a aparência, são apenas, cópias, sombras daquilo que é mais essencial. (DA SILVA, 2012, P 29)

No momento em que o homem coloca-se em face do fenômeno artístico, há uma supressão temporária do querer. Por meio dela o homem eleva sua mente a uma contemplação artística. Desse modo, volta-se para si mesmo esquecendo todo seu eu individual. Torna-se sujeito puro do conhecimento. "É o principal meio pelo qual esse nível de conhecimento se torna possível; pela arte o gênio empresta seus olhos à humanidade e confere, com seu gesto artístico, a universalidade democrática do conhecimento puro". (DA SILVA, 2012, p29) A arte,

> Nos livra o espírito da opressão da vontade, nos desvia a atenção de tudo que a solicita, e as coisas nos aparecem desligadas de todos os prestígios da esperança, de todo o interesse próprio, como objetos de contemplação desinteressada, e não de cobiça; é então que esse repouso, procurado baldadamente nos apresenta e nos dá o sentimento da paz em toda a sua plenitude.(SCHOPENHAUER, 2014. p. 38)

Diante de cenas sublimes, o espectador chega a uma nitidez suprema. Nesse estágio ele alcança um sentimento de paz, pois, está temporariamente suspenso, livre do querer. Ele sai da posição de um indivíduo, débil fenômeno da Vontade, para um sujeito do conhecer. É o que Schopenhauer chama de verdadeiramente belo. Jair Barboza afirma:

> O sujeito, diminuto face ao mundo, consegue concebê-lo num grão de areia; pequeno debaixo do céu, consegue encerrá-lo numa flor; esmagado pela infinitude, consegue segura-la na palma das mãos; perdido no seio da eternidade, consegue ampará-la, conte-la em uma hora. Como em Kant e Schopenhauer, o que era grande subitamente ficou pequeno, e o pequeno, grande. (JAIR, 2001,p. 91)

Nesse estado, o homem consegue suprimir a vontade e tornar-se sujeito puro do conhecer, - ele já não conhece a coisa individual, mas a ideia. Ele supera a vontade, a dor. Ele vai ao próprio íntimo longe de toda força da vontade, porém temporariamente.

A arte, sendo um caminho de libertação das dores do mundo, expressa e objetiva a essência das coisas. E, precisamente por isso, ajuda-nos a nos afastarmos da vontade. O gênio capta as ideias eternas e a contemplação artística mergulha nelas, anulando aquela vontade que, tendo optado pela vida e pelo tempo, é somente pecado e dor. (REALE, 2003. p. 232).

O gênio é capaz de conhecer independentemente do princípio de razão as ideias, ele possui um grau mais elevado e uma duração maior daquele modo de conhecimento, que lhe permite conservar uma clareza de consciência para assim produzir numa obra aquilo que conheceu. O gênio comunica as ideias apreendidas. A arte, porém, é um meio de facilitação desse conhecimento. "O artista nos permite olhar para o mundo mediante seus olhos". (SCHOPENHAUER, 2005, p 265) "Apenas pela pura contemplação a dissolver-nos completamente no objeto é que as Ideias são aprendidas. A essência do gênio consiste justamente na capacidade preponderante para tal contemplação". (SCHOPENHAUER, 2005, P 254)

O conhecimento da Ideia, afirma Schopenhauer, é necessariamente intuitivo. O conhecimento do gênio seria limitado às Ideias dos objetos, por depender de concatenação das circunstâncias que conduz, se a fantasia não ampliar o seu horizonte, alargando-o para além de sua experiência pessoal. A fantasia Poe o gênio na condição de a partir do que tem, construir todo o resto e deixar desfilar diante de si quase todas as imagens possíveis da vida. (SCHOPENHAUER, 2005, p 255)

No modo de conhecimento estético, temos dois componentes inseparáveis: conhecimento do objeto não como coisa, ou seja, como Ideia platônica e o puro sujeito do conhecimento. Desses modos de conhecimento, segundo Schopenhauer, resulta na satisfação, pois ela põe fim ao sofrimento, há a libertação do conhecer a serviço da vontade e uma elevação da consciência. Esse lado subjetivo apreende a ideia e gera o sentimento do sublime, isto é a parte da satisfação estética. Enquanto no belo, o puro conhecimento ganha a preponderância sem luta, existindo apenas o sujeito do conhecimento, no sublime esse estado puro do conhecimento é obtido por um desprendimento consciente e violento das relações do objeto com a vontade conhecidas como desfavoráveis, diante de uma elevação livre. Ela é obtida e mantida com consciência. "Apenas por um acréscimo é que o sentimento do sublime se distingue do belo, a saber, pelo elevar-se para além da relação conhecida como hostil do objeto contemplado com a Vontade em geral". (SCHOPENHAUER, 2005, p 265)

3.1 Graus de Objetivação da Arte

Assim como o mundo é organizado em graus de objetivação da Vontade, a arte também o é. Existe uma hierarquia das artes no momento em que a Vontade se objetiva. Schopenhauer não se preocupa apenas com um caráter de cunho emotivista para analisar as expressões artísticas, mas relaciona cada expressão à sua teoria. A arte aqui é vista como uma objetivação da Vontade, isto é, é algo importante na reflexão schopenhaueriana. Desse modo ele constrói a hierarquia das artes, como procuramos apresentar a seguir:

3.1.1 Arquitetura

A primeira expressão artística tratada em *O Mundo como Vontade e Representação* é a arquitetura, pois para Schopenhauer, ela apresenta uma luta presente na natureza: gravidade e resistência. É o que ele considera de mais belo nessa expressão. Ela é o tom baixo da natureza. Enquanto as outras artes oferecem uma cópia, a arquitetura não é representatividade, pois ela é a coisa mesma. O artista da arquitetura traça um caminho de encontro ao objeto, facilitando desse modo a compreensão da ideia. Como reforça o autor:

> A beleza de um edifício reside certamente na finalidade visível de suas partes, não para fins humanos exteriores e arbitrários (neste sentido a obra pertence à arquitetura utilitária) mas imediatamente para a estabilidade do todo, em vista do qual a posição, a grandeza e a forma tem de ter uma relação tão necessária que, caso fosse possível remover uma única parte, o todo desmoronaria. (SCHOPENHAUER, 2005, p289)

Isto é, aquele que contempla a beleza de um edifício deve abandonar as preocupações práticas com a finalidade da obra, para observar a beleza que ela transmite. É preciso olhar a estabilidade do todo, de modo que haja relação da obra em cada parte. Há, segundo ele, uma luta de adversários, gravidez e rigidez, a pedra, por exemplo, constitui os graus mais profundos da Vontade.

Numa cúpula grande de pesado material, sustentada por pilastras, a cúpula tende para baixo por causa da gravidade, entretanto resistem, impedindo cair. (BARBOZA, 2001, p. 94) A boa e bela arquitetura expressa a tensão presente na natureza, como postulamos acima, a luta de adversários. Pois,

> o exposto demonstra precisamente que a arquitetura faz efeito não apenas matemática, mas também dinamicamente, e que aquilo a falar-nos por ela não é meramente a forma e a simetria, mas antes as forças fundamentais da natureza, as ideias primeiras, graus mais baixos de objetidade da Vontade. (SCHOPENHAUER 2005, p. 290)

Nessa reflexão, a arquitetura na sua significação objetiva daquilo que manifesta, é relativamente pequena, a fruição estética da visão de um belo edifício favoravelmente iluminado não repousa tanto na apreensão da ideia, antes no correlato subjetivo dela oposto com a apreensão. (SCHOPENHAUER, 2005, p.291)

Para Schopenhauer a arquitetura não fornece a cópia, nem reproduz a ideia, mas ensina o caminho para o objeto, facilitando a concepção da sua Ideia. Há, desse modo uma aproximação da Arquitetura com a música, pois ambas tornam mais fácil e rapidamente o acesso à essência cósmica. A arquitetura fornece a coisa mesma, a música, porém a linguagem direta do em si. (BARBOZA, 2001, p. 98-99)

Na hierarquia das artes há uma compreensão de que, o que faz uma arte superior à outra é a ideia e não o material que ela emprega. Nessa linha de raciocínio, um jardim é superior a uma obra arquitetônica, pois o reino vegetal é superior ao reino mineral.

3.1.2 Escultura e Pintura

Mais elevadas que o jardim e a arquitetura, estão a pintura e a escultura, pois elas expressam a ideia de humanidade. Em sua obra principal, Arthur Schopenhauer afirma que a ideia na qual a Vontade atinge o apogeu de sua objetivação, expondo-se para intuição é a tarefa da pintura e da escultura. O lado objetivo da alegria no belo é por intermédio predominante e o lado subjetivo entra no plano de fundo. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 296)

Os detalhes desse tipo de arte, como a fisionomia do corpo, mesmo que sejam retratados corpos nus, são contempláveis. Ele afirma que nas pinturas de Rafael e Correggio, nos olhos pode-se perceber a expressão, o reflexo do mais perfeito conhecimento que direciona para as ideais, concebendo-se assim a essência do mundo e da vida. Torna-se assim um quietivo (*Quietiv*) de todo querer, é o espírito mais íntimo do cristianismo quanto da sabedoria indiana. É a renúncia do querer. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 309). Na escultura e na pintura, há uma simetria entre as partes e a figura ali representada, elas esforçam-se por imitar a natureza do modo mais próximo possível. Há uma busca pela perfeição daquilo que se vê.

A pintura possui profundamente a ideia de humanidade, e é a partir daí que se desdobram suas ações. Não existe pintura fora de um procedimento humano, a partir do humano, não exclui nenhum procedimento de sua vida. "nenhum evento da vida humana deve ser excluído da pintura" (SCHOPENHAUER, 2005. p. 306).

Nesses graus de arte, a alegria e o belo alcançam graus quase inenarráveis, pois tratam da objetidade mais perfeita e adequada possível da Vontade, a Ideia de humanidade. É uma

alegria sem concurso dos desejos, ansiando satisfação, porém, sem atingir esse estado. Nesse grau, a fisionomia e o corpo humano se forem genuínas belezas estéticas, são contempláveis e isentas de atração sexual. (BARBOZA, 2001, p 103)

3.1.3 Poesia

A poesia, segundo o autor, divide a humanidade em tragédia e comédia. A comédia apresenta a ideia de que o sofrimento é passageiro, levando ao fim, à felicidade. Por outro lado, existe a realidade do mundo: a tragédia, que é o ápice de toda arte, porque expõe o conflito da Vontade de vida consigo mesma na mais suprema visibilidade.

Para ele a poesia apresenta uma visão da Vontade de vida. Ela consegue refletir o lado trágico da vida, trazendo em seus elementos a oscilação entre dor e tédio. Isto é, a poesia narra ascensões e quedas, aventuras, etc.

Em relação às artes plásticas, Schopenhauer, destaca que utilizar da alegoria é intrometer-se nas normas de algo que tem origem no espontâneo da intuição estética. Já na poesia ele permite, pois o friccionar poético lida com isso. A alegoria serve ao sim da poesia, pois o conceito é dado em primeiro lugar e não a figura, a fantasia é que leva o leitor para a intuição. A alegoria é uma ponte entre o abstrato e o intuitivo. (BARBOZA, 2001, p 117-118)

Jair Barboza (2005, p. 121) afirma que a duplicidade de consciência presente no sublime, reaparece na poesia trágica. Na tragédia o puro sujeito do conhecimento contempla perigos igualmente aos do personagem. O corpo do sujeito do conhecimento é semelhante ao corpo do protagonista, ínfimo, frágil. Porém, ao mesmo tempo ele se perde na ideia e suprime a individualidade, nega a vontade. Dentre todas as artes, ela é a mais fiel às emoções do homem. Ela revela sentimentos além do tempo.

4 FILOSOFIA DA MÚSICA

Muito embora a Música esteja na hierarquia das artes, dedicamos este capítulo para tratar desta temática, visto que é o objetivo deste trabalho, apresentar a Filosofia da Música de Schopenhauer, pois no pensamento desse autor, a música ocupa um lugar privilegiado, já que nos graus de manifestação das ideias, ela é entendida como uma objetivação imediata da Vontade. Abordaremos como se dá um grau de objetivação da música, já que sua estrutura se compara com a estrutura do mundo. O cume dessa reflexão se dará numa analogia da Nona Sinfonia de Beethoven, obra que nos permitirá reconhecer os conceitos propostos pelo filosofo aqui estudado.

Diferentemente das outras formas de artes, a música não é exposição das Ideias, mas é uma arte que fala da coisa em si. Por isso é uma arte magna, pois comunica algo grandioso.

> De modo algum a música é como as outras artes, reprodução da ideia, mas reprodução da própria vontade, cuja objetivação também são as ideias; por isso o efeito da música é tão mais poderoso e incisivo do que o das outras artes; pois essas somente se referem à sombra, àquela porém é essência.(SCHOPENHAUER, 2005, p.338-339)

Para ele a música está separada das outras artes, ela é "uma arte tão grandiosa e majestosa, atua tão vigorosamente sobre o mais íntimo do homem" (SCHOPENHAUER, 2005, p 336.). A música, afirma Schopenhauer, parodiando Leibniz, é um exercício de metafísica inconsciente, no qual o espírito não sabe que está fazendo filosofia, pois ela expressa a essência íntima, "o em si do mundo, o qual, segundo sua exteriorização mais distinta, pensamos sob o conceito de Vontade". (SCHOPENHAUER, 2005, p. 347). Ele está fugindo de todo e qualquer cunho meramente emotivista ou subjetivista. Não é que Schopenhauer esteja negando os efeitos que a música pode causar. O que há aqui é a compreensão de a música é muito mais que isso, ela é um meio de aprendizado, ela é uma arte que atua sobre o íntimo do homem ela fala da coisa em si; carregada de emoções, ela faz um homem voltar para dentro de si mesmo e, a partir daí, consegue perceber-se, perceber o outro. A relação de sons, ritmos, harmonias gera efeitos no homem. Entretanto, tudo sai de uma esfera subjetivista.

DA SILVA (2012, p 61) ao tratar sobre a constituição fundamental da música, faz uma analogia de Rousseau ao pensamento de Schopenhauer, propondo que para o primeiro, a música é capaz de dar voz ao silencio e que para Schopenhauer este silencio seria a Vontade, que cega e silenciosa, fala no seu idioma nativo, isto é, a linguagem musical.

> Como sabemos, as objetivações mais adequadas da Vontade são as Ideias, cujo conhecimento (puro) é estimulado pelas obras de arte, e o nosso mundo nada mais é do que a multiplicidade fenomênica correspondente mediatamente a essas Ideias. A música, avessa ao mundo fenomênico, poderia existir mesmo que não houvesse o mundo. (DA SILVA, 2012, p 61)

Para Schopenhauer, a música não exprime uma alegria especial, certa serenidade, mas a própria alegria, a própria dor, o próprio medo, pois ela retrata a essência abstrata e geral, fora de qualquer motivo. (SCHOPENHAUER, 2014. p. 40) Isto é, a música não é representação da Ideia, mas da Vontade diretamente. Por isso ela não exprime uma alegria subjetiva, mas a essência da alegria, do medo, da dor, etc.

O papel da música não é de modo algum representar a ideia, isto é, imitar a natureza efetiva. Ele critica nesse sentido uma música que dependa da letra, pois não é a música que precisa se submeter à letra, mas o contrário. Ele elogia Rossini e Mozart, por que eles utilizam poucas palavras e os instrumentos predominam, juntamente com a melodia. O papel da música é muito superior ao das outras artes.

4.1 Música e seus graus de objetivação

Assim como a Vontade e as artes, a música também possui graus de objetivação. Na verdade, o filósofo faz uma comparação dos graus de objetivação da Vontade com a divisão da música. Ao longo do € 52, ele desenvolve sua teoria dos graus de objetivação da Vontade por meio de uma bela analogia com a música. Faremos uma analogia com a estrutura da orquestra, percebendo, na organização desta, os graus de objetivação da vontade.

A música representa aqui a própria Vontade, pois ela com suas leis rege o mundo, o maestro seria a Ideia que, por meio de seus movimentos, faz com que a música seja mais rápida ou lenta, fazendo com que a música se manifeste. Os instrumentos manifestam, desse modo, os graus de objetivação da Vontade. Os mais graves[4] utilizam a clave de Fá[5] e estão relacionados ao primeiro grau de objetivação da Vontade, a gravidade, o magnetismo e a eletricidade, o baixo, violoncelo, trombone, tuba e etc. Schopenhauer reconhece "nos tons mais graves da harmonia, no baixo continuo os graus mais baixos de objetivação da Vontade, a natureza inorgânica, a massa do planeta". Schopenhauer afirma que os corpos e as organizações da natureza precisam ser vistos a partir de um desenvolvimento gradual, advindo da massa

[4] Para melhor apreciação, veja no link o som do contrabaixo, que é um instrumento de som grave. https://www.youtube.com/watch?v=OuwYj7mg1z0

[5] Na música, a Clave de Fá é utilizada para representar os sons mais graves, como o contrabaixo.

planetária. Ele enxerga aí a relação dos "tons mais agudos com o baixo contínuo. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 339).

No segundo grau de objetivação encontramos os instrumentos medianos, como a viola de arco[6], que representa o mundo vegetal e orgânico, eles utilizam a clave de Dó. Segundo Schopenhauer, esse grau que está mais distante do baixo,

> [...] ademais, no conjunto das vozes intermediárias que produzem a harmonia e se situam entre o baixo continuo e a voz condutora que canta a melodia, reconheço a seqüência integral das ideias nas quais a Vontade se objetiva. As vozes mais próximas do baixo correspondem aos graus mais baixos, ou seja, os corpos ainda inorgânicos, porém, já se exteriorizando de diversas formas. Já as vozes mais elevadas representam os reinos vegetal e animal.(SCHOPENHAUER, 2005, p340)

Os médios representam as plantas e os animais, o homem, porém, é representado pelos instrumentos que utilizam a clave de Sol. São os instrumentos que fazem a melodia da música acontecer, o violino, trompete, sax, flauta, oboé[7] e o próprio solista.

Além de apresentar analogia de sua filosofia com a divisão da função de cada voz, isto é, grau de objetivação, Schopenhauer faz também uma relação com a harmonia presente na natureza.

> Em todas essas vozes graves e intermediárias que constituem a Harmonia falta ainda a coesão do desenvolvimento, possuído apenas pela voz mais elevada que canta a melodia,/// única também a movimentar-se rápida e agilmente em modulações e escalas, enquanto as outras possuem somente um movimento mais lento, sem terem cada uma por si uma coesão persistente. Do modo mais pesaroso se movimenta o contrabaixo, representante da massa bruta. Seu Ascenso e descenso ocorre apenas em grandes intervalos, em terças, quartas e quintas, jamais em UM tom, a não ser que haja transposição do baixo por duplo contraponto. Esse movimento lento também lhe é fisicamente essencial: uma escala rápida ou trinada em notas baixas não é sequer imaginável. De maneira mais rápida, todavia sem conexão melódica e desenvolvimento significativo, movimentam-se as vozes intermediarias mais elevadas, as quais transcorrem paralelas ao mundo animal. (SCHOPENHAUER, 2005, p 340)

No grau mais elevado de representação está o homem, isto é a melodia. A melodia dá sentido à música, é a voz mais aguda que vai direcionando o percurso melódico. DA SILVA (2012, p 54), coloca que a melodia é na música, o que faz o desenho na pintura. Os sentimentos que música e pintura suscitam não decorrem nem das cores, nem de sons, mas da capacidade dessas artes imitarem a natureza e é a imitação que dá vida aos sons e cores.

---

[6] Confira no link https://www.youtube.com/watch?v=jiKbZfhnbLI

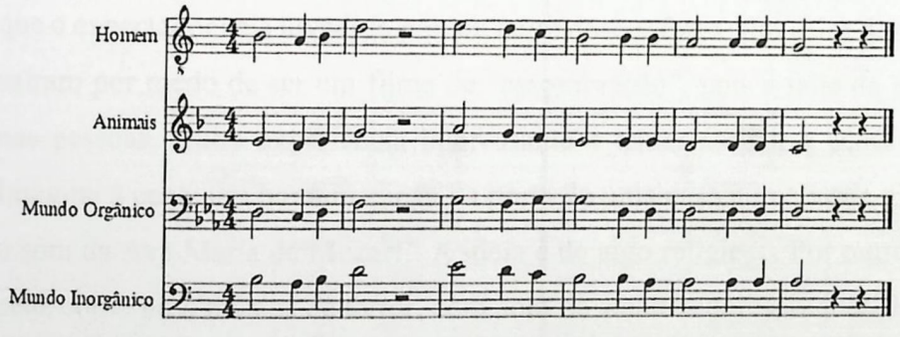
[7] https://www.youtube.com/watch?v=E-pIudhSCSg

> Se por um lado música e pintura possuem um componente intelectual, por representarem o mundo (tomando o conceito de mimese na sua acepção schopenhaueriana), por outro, isto não parece condizer com a experiência musical. Na pintura, a "arte do olhar", tudo é exposto distintamente, em separado, cada qual isoladamente e de forma absoluta, isto é, somos capazes de reconhecer a diferença entre as cores sem recorrer as outras, na grande maioria dos casos. Na música, a natureza não é distinta, pelo contrário, tudo tem ao um, e toda diferença tende ao mesmo, por isso todo som tende ao uníssono. (DA SILVA, 2012, p 56)

Schopenhauer, vê sentido na melodia do começo ao fim, pois ela narra a história da Vontade iluminada pela clareza de consciência. Ela narra a história mais secreta da Vontade, pintando cada agitação, esforço, movimento seu, tudo o que a razão resumo sob o vasto e negativo conceito de sentimento e que não pode ser acolhido em suas abstrações. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 341)

Na música a melodia se afasta do tom fundamental para fazer a música acontecer, como o homem que se esforça para satisfazer-se, isto é obedecer à vontade incessantemente. O pêndulo que vai oscilando entre dor e tédio.

Abaixo apresentamos uma partitura elaborada por nós para explicarmos mais claramente como se daria essa divisão dos graus de objetivação na música escrita. Optamos por uma divisão em quatro vozes nas claves de fá e de sol. No lugar dos nomes das vozes como tenor, baixo e etc., preferimos colocar os graus de objetivação da Vontade.



De cima para baixo, no topo está o homem que faz a melodia, abaixo dele, o mundo animal. O mundo orgânico executado na partitura na clave de fá, assim como o mundo inorgânico dá sustento à música. Vale ressaltar que o baixo continuo[8] que nos fala Schopenhauer é um estilo de compor que não nos deteremos, visto que este trabalho não é sobre

[8] Baixo contínuo é uma técnica de se escrever música. Ele oferece uma base para os outros instrumentos na peça musical, dando uma nota e indicando harmonia. Ele faz parte do modo de se compor no Período do barroco e deixou de ser usado por volta do Séc. XVIII.

especificamente a música, mas um olhar a partir da filosofia. Optamos, todavia, apenas por explicar à partir da voz mais grave.

Schopenhauer, dá também uma importância magna ao compositor, pois ele manifesta a essência do mundo, a sabedoria mais profunda. Ele o compara a um sonâmbulo que fornece as informações que estando desperto não saberia do que tratava. (SCHOPENHAUER, 2005,p.342). O compositor expressa a essência do mundo, por que a música não está expressando o fenômeno, mas a essência, o em si, a Vontade. Por isso Schopenhauer defende que se deve priorizar a música e não subordiná-la à letra. A música exprime a quintessência da vida, de seus eventos. É o que lhe confere o "valor como panaceia de todos os nossos sofrimentos". (SCHOPENHAUER, 2005, p. 343-344)

> A música, portanto, caso vista como expressão do mundo, é uma linguagem universal no mais supremo grau, que está até mesmo para a universalidade dos conceitos como aproximadamente estes estão para as coisas particulares. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 344)

A música sendo uma linguagem universal, nos proporciona compreender outras expressões artísticas e até mesmo melhorar o modo com as outras artes se revelam, pois a música combina com uma cena, acontecimento, revelando sentidos misteriosos. No filme Mother de Darren Aronofsk (2007) podemos perceber a importância da música em outras artes. No filme a ênfase que o diretor dá aos sons do ambiente, no lugar de uma trilha sonora, faz com que o expectador seja invadido por um certo desconforto. Nas salas de cinemas algumas pessoas saíram por medo de ser um filme de "assombração", pois a falta da música vai gerando tédio nas pessoas. Outra experiência interessante é tentar assistir a cenas sem uma trilha sonora. Imagine a cena: um homem chega na porta de uma casa numa veste medieval preta e ao fundo o som da Ave Maria de Mozart[9]. A ideia é de algo religioso. Por outro lado, imagine a mesma cena como uma música de terror, com som de sintetizadores, o quão desagradável seria. Como também se fosse escolhida uma música romântica, o resultado também mudaria, pois, a cena ganha um rosto com o auxílio da música. Aqui podemos nos remeter às operas, onde a arte casa teatro e música, como também podemos nos recordar dos filmes, novelas, documentários, que estão todos eles auxiliados por música.

A dança é também outra expressão artística que depende da música. O estilo da música é capaz de modificar o teor da apresentação. É impossível imaginar dança sem música, pois por

[9] https://www.youtube.com/watch?v=d1HHVmOUwyo

mais que não se execute som algum, os movimentos do corpo não expressam outra coisa senão a música, o ritmo, a melodia, são movimentos musicais.

Devido à essa magnanimidade da música, Schopenhauer afirma que quando "alguém se entrega por inteiro à impressão de uma sinfonia, é como se visse desfilar diante de si todos os eventos possíveis da vida e do mundo". (SCHOPENHAUER, 2005, p 344-345) A música, por ser cópia da Vontade consegue expor o físico ao metafísico. E esse encontro não pode vir intencionalmente, pois é um conhecimento imediato da essência do mundo, inconsciente. Se isso ocorre, não acontece a revelação da essência do mundo. A música faz "reproduzir todas as agitações do nosso ser mais íntimo, porém sem a realidade e distante dos seus tormentos" (SCHOPENHAUER, 2005, p.346)

Schopenhauer conclui afirmando que devemos considerar a arte como a grande elevação, por que ela realiza em essência o mesmo que o mundo visível, porém mais concentrada e com clara intenção. Ela é a florescência da vida. O mundo como representação é a visibilidade da Vontade, e a arte é o clareamento dessa visibilidade. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 349)

Schopenhauer destaca que a arte é o consolo que faz-nos esquecer dos sofrimentos do mundo. Pois,

> A fruição do belo, o consolo proporcionado pela arte, o entusiasmo do artista que faz esquecer a penúria da vida, essa vantagem do gênio em face de todos os outros homens, única que o compensa pelo sofrimento que cresce na proporção de sua clarividência e pela erma solidão em meio a uma multidão humana tão heterogenia – tudo isso se deve, como veremos, adiante, ao fato de que o em si da vida,a Vontade, a existência mesma é um sofrimento continuo, e em parte lamentável, em parte terrível; o (SCHOPENHAUER, 2005, p350)

Reale (2003, p232) afirma que "a música é capaz de narrar a história mais secreta da vontade", por que ela trata da essência. Porém seguindo o conselho de Schopenhauer, depois de ter tratado sobre a essência da música, nos é recomendado o gozo desta arte.

> Depois de haver meditado longamente sobre a essência da música, recomendo o gozo desta arte como a mais deliciosa de todas. Não há outra que atue mais diretamente, mais profundamente, porque também não há outra que revele mais diretamente e mais profundamente a verdadeira natureza do mundo. Ouvir longas e belas harmonias, é como um banho de espírito: purifica toda a mancha, de tudo que é mal, mesquinho: eleva o homem e sugere-lhe os pensamentos mais nobres que lhe seja dado ter, e ele então sente claramente tudo o que vale, ou quanto antes poderia valer. Quando ouço música, a minha imaginação compraz-se muitas vezes com o pensamento de que a vida de todos os homens e a minha própria vida não são mais do que sonhos de um espírito eterno, bons e maus sonhos, de que cada morte é o despertar (SCHOPENHAUER, 2014. p. 40)

Conseguimos perceber sutilmente essa relação da filosofia de Schopenhauer nitidamente na música, quando nos colocamos em estado de atenta escuta da música, observando cada detalhe, o ritmo, a cadencia, os ornamentos, mais fácil se torna àqueles que abstraíram conceitos musicais. É como ele mesmo postulou, um banho de espirito. Neste próximo tópico nos deteremos da análise da 9ª sinfonia de Beethoven para perceber por meio da escuta como acontece as postulações de Schopenhauer acerca da música.

4.2 Análise da 9ª Sinfonia de Beethoven à luz da filosofia da música de Arthur Schopenhauer

Como o objetivo de nosso trabalho é tratar da música enquanto arte magna e objeto de quietivo dos sofrimentos do mundo, nos voltaremos para uma análise desta obra, entretanto focando numa analogia, sem trazermos aqui a história da música, em seu contexto ou explicação dos detalhes ornamentistas. Neste tópico trabalharemos na ideia de perceber os conceitos da filosofia da música de Arthur Schopenhauer. A partir daqui a leitura se dará acompanhada da escuta da Sinfonia n. 9[10]. A escolha da referida peça se deu ao fato de que Beethoven a compôs quando já se encontrava surdo, o que nos levou a postular que ao escutar a Vontade já não precisaria mais do ouvido para compor. A música é ainda a sua maior obra e nenhuma outra sinfonia alcançou tamanha recepção. Ela marca um novo estilo de fazer sinfonia e é motivo de inspiração e admiração para artistas e sobretudo, discussões não só musicais, mas também filosófica.

A sinfonia é dividida em quatro movimentos: o alegro, isto é um andamento leve e ligeiro. Scherzo, é uma parte da composição rápida. Adágio, que é um movimento lento e o recitativo, o quarto, que é onde a música dá espaço ao poema ode à alegria. Logo de início, com essas variações dos movimentos, percebemos a analogia à natureza do mundo.

O primeiro movimento dessa obra, começa com as notas la-mi, poderíamos comparar aqui, ao pêndulo proposto por Schopenhauer: dor e tédio. Nesse início de execução não se sabe o real tom da música, somente quando ela chega ao primeiro clímax é que se percebe que o tom é ré menor. O primeiro movimento traz ainda uma ideia de calmaria. No segundo movimento o tema é o mesmo do início, entretanto o tímpano (instrumento de percussão) entra fazendo o solo. Beethoven, faz uma virada na música saindo das cordas para as madeiras, retornando e

[10] https://www.youtube.com/watch?v=t3217H8JppI

refazendo, e no fim, muda o tempo da música. De ternário para binário, de ré menor para ré maior. Essa seria outra coisa, senão a estrutura do mundo expressa na música. A variação dos estados da natureza, as mudanças tanto físicas como psicológicas. O vazio e busca do preenchimento pelo homem.

O terceiro movimento da sinfonia traz um adágio em si bemol maior. Como já expusemos, é um movimento lento, acontece uma ternura musical. Os violinos entoam a variação do tema. Aqui acontece o quietivo dos sofrimentos do mundo. Seria aqui o quietivo proposto pela arte ou pela compaixão? Como o modo de aquietar da ascese é maior, não proporemos que essa ternura seria esse quietivo.

No último movimento, há uma dissonância (falta de harmonia) na música, enquanto os ouvintes esperam algo mais tranquilo acontece o tédio, a dor, o vazio. O recitativo é entoado pelos cellos e contrabaixos. É a introdução dramática que vimos no movimento dois. Quando se imagina algo romântico, vem as madeiras e trazem o adágio, acalentando. Entretanto, ao fim, os cellos encerram o movimento trazendo a alegria. Nos reportamos a ilusão de que o homem é ou será feliz, enquanto a vida é dor e tédio. No quarto movimento, a orquestra cresce e há um ar de júbilo, de glória. Violas, violinos, orquestra... Beethoven, surpreende esse momento com um recitativo, cantando um poema de Schiller chamado "Ode à Alegria". A segunda variação é puramente a filosofia de Schopenhauer, enquanto a orquestra caminha pelo sofrimento, um tema depressivo, o coro busca, com a entrada do trombone, retornar ao tema da sinfonia. É o tema do criador. O homem é sujeito puro do conhecimento. A Vontade se comunica aí.

Talvez Edna st. Vincent Millay conseguiu expressar a compreensão da Música do filósofo aqui estudado acerca da música:

> Oh, melodiosos sons, divina música, eterna sempre! / O mundo outra vez não me recuses. / Só contigo existem a paz e a beleza, / A humanidade plausível, seu intento explícito. Fascinada com seu ar generoso e penetrante, / Com seus desajeitados membros e rostos pálidos e vazios, / Os rancorosos, os mesquinhos e os grosseiros / Dormem qual lavadores de prato dos contos de fadas. / O melhor que o mundo oferecer pode é este instante: / Do caule torturado o desabrochar tranquilo. / Melodiosos sons, não me rejeites, vida quero. / Até que a Parca minhas torres aviste, as espalhe, / Sob o sol envelhecendo uma cidade encantada, / Música, muralha minha, sem igual. (MILLANY ,2018)

A música é eterna e continua a comunicar a Vontade. A paz por Edna proposta não é outra coisa senão o sublime quietivo dos sofrimentos do mundo. Todos, ao serem tomados pela música dormem como "lavadores de prato dos contos de fadas". A poetisa ao ouvir Beethoven conseguiu se livrar temporariamente do querer que gera sofrimento e tédio.

A música erudita nos proporcionar uma leitura desnuda do mundo. A partir da filosofia de Schopenhauer, nosso olhar se torna mais atento, não somente a uma melhor compreensão do mundo, mas também a uma melhor apreciação da música. É de fato, como postulara, um banho de Espírito.

CONCLUSÃO

Nossa pesquisa nos proporcionou uma leitura da música enquanto arte magna na filosofia de Arthur Schopenhauer e como quietivo dos sofrimentos do mundo, partindo de sua consideração sobre o mundo como Vontade e representação, fazendo um percurso aproximativo com a filosofia de Kant e o conceito de Ideia de Platão.

Em nossa introdução propomos orientar nosso trabalho a partir das perguntas: como conceber a música separada das outras formas de arte, quando as outras são comunicação da ideia. Como entende-la como algo superior? Como afirmar se o mundo não existisse, ainda assim haveria música?

Quando compreendemos que a Vontade é o substrato do mundo e fazemos uma leitura de que todas as outras formas de arte comunicam a Ideia e a música a Vontade, fica explicito o motivo por qual a música é considerada arte magna. É uma arte que se encontra acima das outras, pois está comunicando algo além de si mesma, está comunicando a raiz do mundo. Desse modo, fica evidente que se o mundo não existisse haveria música. Ora, se ela não se relaciona com a ideia e todos os objetos à Ideia se relacionam, a música consequentemente continuaria existindo pois não depende da Ideia.

Por outro lado, para entende-la como um quietivo dos sofrimentos do mundo, não precisaríamos nos deter em discussões filosóficas, bastaríamos olharmos em nossas experiencias estético-musicais, quão arrastados somos para um estado agradável, mas que não sabemos dar nome. Todavia, caminhando na compreensão de Schopenhauer, de que, a música tira o indivíduo das garras do querer e esse querer é sofrimento, fica mais claro a concepção de arte como um quietivo dos sofrimentos do mundo, pois a contemplação artística tirou o sujeito das garras do pêndulo dor e tédio e o elevou a um estado de sujeito puro do conhecimento.

A leitura da música feita por Schopenhauer, apesar de se dar numa época específica, nos permite olhar a produção de hoje e nos questionar se a Vontade deixou de se comunicar, visto que nossa produção musical não expressa mais tamanha beleza. Que postulações faria o filósofo a partir da música que se produz hoje? Daria pra se fazer um exercício oculto-metafísico?

Muito embora nossa pesquisa não tenha o intento de analisar a música de hoje como expressão ou não da Vontade, postulamos que a leitura da filosofia da música de Schopenhauer nos ajuda a melhor apreciar a música em qualquer tempo e espaço. Arriscamos que ele seria

ferrenho em suas considerações sobre a música atual, já que criticou as produções de Richard Wagner que ousou compor a partir de sua filosofia.

Schopenhauer não nega um caráter emotivo que a música expressa, pois ele postula que ela, carregada de emoções comunica a essência do sentimento, porém foge de um caráter subjetivista. Quando a música comunica a dor, ela comunica a essência dessa dor, não uma dor subjetiva. Por outro lado, também não é contra a afirmação de um caráter mimético. O que ele propôs foi uma compreensão da música que esteja além dessas duas afirmações, pois a música como já abordamos, comunica a Vontade, a coisa em si, está falando de algo caro à sua filosofia, pois é a raiz metafísica do mundo.

Ao fim de nossa discussão, queremos recorrer a Edna st. Vincent Millay que expressou tão belamente a analogia proposta pelo filosofo aqui estudado, com ela à essa magna arte, declamamos: "Oh, melodiosos sons, divina música, eterna sempre", somente com ela é paz e beleza, é o sono dos contos de fadas, o melhor que o mundo pode oferecer.

REFERÊNCIAS

CHINDA, Renata. Zeitgeist - **Filosofando toda noite de domingo.** Disponível em: https://dichterkomponist.blogspot.com/2017/10/schopenhauer.html. Acesso em: 28 de maio de 2018, 16:14.

E. ESPINOSA, Santiago. **L´oiuïe de Schopenhauer: Musique et réalité**.Paris: La Harmattan, 2007.

JUSMET, Luis Roca. **La herencia de Schopenhauer enlosestudiosorientales**. Quaderns de Filosofia. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2010.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Os Pensadores, Vol I. São Paulo: Nova Cultural, 1987

MAIRINQUE. Igor das Mercês. **Karl Popper e a teoria dos Mundos de Platão**. Revista Eletrônica. Μετανόια. São João del-Rei, n. 5, p.7-17, jul. 2003. Acesso em: 11.12.2018. https://ufsj.edu.br/portal2.../File/.../texto01_teoriadosmundos_platao_popper.pdf

MILLAY. Edna St. Vincent. **Quando ouço uma Sinfonia de Beethoven.** Tradução de Cunha e Silva Filho. In: Entre textos. Disponível em:< http://www.portalentretextos.com.br/materia/um-poema-de-edna-st-vincent-millay-1892-1950,687> Acesso em: 19 de novembro de 2018

MOREIRA, Fernando de Sá. **Schopenhauer entre Locke e Berkeley**. Argumentos, Ano 2, N°. 3. UFC, 2010. Acesso em 09.11.2018 <http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/viewFile/18948/29667. >

SAFRANSKI, Rüdiger. **Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia: uma biografia**. Trad. William Lagos. São Paulo: Geração Editoria, 2011.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Dores do mundo:** O Amor, A Morte, A Arte, A Moral, A Religião, A Politica, O Homem e a sociedade. Tradução: José Souza De Oliveira. 1ª ed. São Paulo: Edipro, 2014.

SCHOPENHAUER. **O mundo como vontade e como representação**, 1° tomo; Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SILVA, Luan Corrêa da. **A filosofia da música como filosofia primeira : o sentido metafísico da música em Schopenhauer.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

SORIA, Ana Carolina Soliva. **Entre verdade e ilusão: corpo e mundo em Arthur Schopenhauer**. Cadernos de filosofia alemã, n° 19. 2018. Acesso em 08.11.2018, em: https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/viewFile/64854/67470